



## GUARDIÕES DAS SEMENTES DA VIDA NO VALE DO RIO PARDO - RS

<https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/845>

Errata: <https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/ambiente/article/view/845>

### GUARDIANES DE LAS SEMILLAS DE LA VIDA EN EL VALE DO RIO PARDO - RS

*Marina Augusta Tauil Bernardo - Universidade Federal de Santa Maria/UFSM (<https://orcid.org/0000-0001-7859-269X>)*

*Elaine Biondo - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul/UERGS (<https://orcid.org/0000-0001-7793-9700>)*

*Adair Pozzebon - Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul/EFASC (<http://lattes.cnpq.br/7071413420105540>)*

*Isabel Cristina Lourenço da Silva - Universidade de Passo Fundo/UPF (<https://orcid.org/0000-0001-6626-1818>)*

**RESUMO:** Os guardiões e guardiãs de sementes crioulas são agricultores que as resgatam, plantam, selecionam e conservam ao longo do tempo em suas propriedades, garantindo a preservação da agrobiodiversidade. O presente trabalho teve como objetivo elucidar os motivos que os levam a conservarem suas sementes e a relação que estabelecem com as variedades preservadas. Através de uma metodologia qualitativa, utilizou-se a técnica de observação direta com o uso de questionários semiestruturados para entrevistar quinze agricultores guardiões e guardiãs envolvidos na produção, troca e comercialização de sementes crioulas e as ações e movimentos de Entidades participantes da Articulação em Agroecologia do Vale do Rio Pardo (AAVRP) em prol do resguardo das sementes crioulas ocorridas nesse âmbito de atuação. Concluiu-se que ao conservarem a diversidade biológica asseguram também os valores histórico e simbólico expressos pelas sementes crioulas, e conservá-las representa mais do que a produção agrícola propriamente dita, pois compõem relações produtivas, ambientais e socioculturais que permeiam as histórias de vida de quem as preserva.

**Palavras-chave:** Sementes Crioulas, Afeto, Resistência, AAVRP.

**RESUMEN:** Los guardianes y guardianes de las semillas criollas son agricultores que rescatan, siembran, seleccionan y conservan sus propiedades en el tiempo, asegurando la preservación de la agrobiodiversidad. El presente trabajo tenido como objetivo dilucidar las razones que los llevan a conservar sus semillas y la relación que establecen con las variedades conservadas. A través de una metodología cualitativa, se utilizó la técnica de observación directa con el uso de cuestionarios semiestructurados para entrevistar a quince agricultores guardianes y guardianes involucrados en la producción, intercambio y comercialización de semillas criollas y las acciones y movimientos de las Entidades participantes en la Articulación en Agroecología del Vale do Rio Pardo (AAVRP) para la protección de semillas criollas ocurridas en esta área de actividad. Se concluyó que los agricultores guardianes, al tiempo que conservan la diversidad biológica, también aseguran los valores histórico y simbólico que expresan las semillas criollas, y conservarlas representa más que la propia producción agrícola, ya que conforman relaciones productivas, ambientales y socioculturales que impregnan las historias de vida de quienes los conservan.

**Palabras clave:** Semillas criollas, Afecto, Resistencia, AAVRP.

## INTRODUÇÃO

As sementes crioulas representam um dos mecanismos de reprodução sexuada e de regeneração das plantas, são fruto da seleção natural e, ao mesmo tempo, também representam o trabalho realizado pelos/as agricultores/as, o qual é passado de geração em geração e decorrem da construção de saberes populares que refletem o poder de decisão sobre o que plantar e a escolha do modo e das práticas de produção. E, nesse sentido, Carvalho (2003, p. 209) aponta que “quando se trata de sementes, existe um tema de fundo que tem a ver com o relacionamento, ou melhor, com o inter-relacionamento” entre o ser humano e a variedade crioula que conserva, e vice versa.

Resguardadas de forma local pelos agricultores e agricultoras guardiãs, as variedades crioulas tornam-se símbolo de liberdade e autonomia alimentar (FRANÇA, 2014), pois o ato de guardá-las e reproduzi-las “vai além da

produção propriamente dita. É uma história de vida, de afirmação com seus antepassados, estruturadas em suas relações produtivas, ambientais e sociais, agindo em acordo ao sistema cultural acumulado” (GIDDENS et al., 1997, p. 64). Entretanto, a manutenção das sementes crioulas não entra na narrativa oficial como um elemento importante para o desenvolvimento regional, visto que não se trata de algo que carrega um valor monetário expressivo. No entanto, tais variedades têm se mostrado como fundamentais para a autossuficiência alimentar das famílias agricultoras, que resistem ao longo de gerações e fomentam espaços de troca de saberes e sementes no contexto regional.

Estudos apontam que, para dispor das sementes, os camponeses recorreram a diversos sistemas, tanto de conservação, como de intercâmbio, mediante a compra ou mediante troca ou presente (NARANJO, 2008). Nesse contexto, muitas famílias resistem, guardando e reproduzindo suas sementes, resignificando suas práticas e se fortalecendo através de redes de reciprocidade.

Nesse sentido, o presente estudo nos ajuda a entender os motivos que levam os guardiões e guardiãs envolvidos na produção, troca e comercialização de sementes crioulas e as ações e movimentos de Entidades participantes da Articulação em Agroecologia do Vale do Rio Pardo (AAVRP), e a relação subjetiva estabelecida entre

estes com as sementes crioulas, na medida que, de acordo com Shiva (2001, p. 152), “na semente, a diversidade cultural converge com a diversidade biológica”.

Analisar a relação de afeto associada a guarda da agrobiodiversidade, torna-se fundamental para enriquecer as construções científicas futuras, de forma a compreender estas ações e movimentos não só como mantenedores da agrobiodiversidade, mas, segundo Santos (2014, p. 59), como “gente que reproduz técnica, expressa saberes, criam e recriam tradições, construindo, assim, o jeito de ser e de viver do lugar”. Diante da subjetividade da relação a ser compreendida, é fundamental a percepção durante a fala dos entrevistados no contexto da pesquisa, pois o afeto supõe empatia e compromisso do guardião e guardiã ao reforçar a condição de sujeito que, de acordo com Giddens et al. (1997, p. 63), “recriam a tradição, de trabalho, de gosto, de alimentação, de espaços de poder, de reciprocidade, de um valor família”.

De forma técnica, as sementes crioulas contribuem com o fortalecimento dos agroecossistemas tradicionais e, por possuírem melhor capacidade de adaptação local, apresentam mais resistência a pragas e doenças e menos dependência de insumos externos, os que as torna uma “forma mais direta de rejeição (negação) do modelo tecnológico imposto pelas empresas multinacionais oligopolistas de sementes híbridas e transgênicas”, conforme aponta Carvalho (2003, p. 109). Modelo esse que causa degradação e dilapidação acelerada dos recursos naturais do planeta e resulta na perda da diversidade genética “em ritmo alarmante em razão, entre outros motivos, do crescimento desorganizado, da fragmentação dos ecossistemas naturais e da introdução de variedades exóticas melhoradas e espécies exóticas invasoras”, como aponta Nodari e Guerra (2015, p. 184).

Seguindo a lógica da agricultura industrial, o agricultor guardião e guardiã ao deixarem de utilizar as sementes crioulas, perdem também o “jeito tradicional de ser”, pois segundo Giddens et al. (1997, p. 64) “manter espécies crioulas e conservá-las como semente vão além da produção

propriamente dita. É uma história de vida, de afirmação com seus antepassados, estruturadas em suas relações produtivas, ambientais e sociais, agindo em acordo ao sistema cultural acumulado”.

Nessa perspectiva, torna-se de suma importância analisar ações de resistência, como as realizadas pelos agricultores guardiões e guardiãs de sementes crioulas do Vale do Rio Pardo - RS, de forma que garantem a preservação da biodiversidade, reduzem o uso indiscriminado de agrotóxicos e das sementes geneticamente modificadas, com intuito de equacionar futuros estudos e contribuir com futuras organizações conjuntas das Entidades componentes da AAVRP, contribuindo à redução da ocorrência de erosão genética e sociocultural que, de acordo com Santilli (2009), decorrem da perda das sementes crioulas.

## METODOLOGIA

O Vale do Rio Pardo congrega 23 municípios localizados na Região Central do Rio Grande do Sul e se caracteriza pela predominância de áreas rurais, uma baixa taxa de urbanização e a predominância da Agricultura Familiar Camponesa. Conforme dados do IBGE (2010), constata-se que apenas 2,03% do território do Vale do Rio Pardo é considerado urbano, e a taxa de urbanização média é de 63,1%, bem abaixo da média estadual do Rio Grande do Sul, que é de

85,1%. Âmbito regional que, apesar do predomínio de áreas rurais e da Agricultura Familiar Camponesa, conforme dados do IBGE (2010), é mais conhecido pela presença imponente de indústrias fumageiras transnacionais, o que resulta no amplo cultivo e produção de tabaco nas propriedades de agricultores familiares da região.

A partir do procedimento de pesquisa bibliográfica, do tipo qualitativa, de acordo com Godoy (1995), através de técnicas de resumos e fichamentos de artigos científicos, foram cumpridas duas fases metodológicas: a primeira realizada com as entidades participantes da AAVRP e a segunda com os agricultores guardiões e guardiãs apontados por elas, de forma a entender a singularidade da relação afetiva deles com as sementes crioulas, e mensurar a quantidade de variedades crioulas que conservam no território de estudo.

## FASE ENVOLVENDO AS ENTIDADES

De forma a iniciar o trabalho, ocorreu a participação em uma reunião da AAVRP, em meados de março de 2019, na sede da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) - Unidade em Santa Cruz do Sul, com o intuito de apresentar a proposta e objetivos do estudo, além

de obter algumas informações em relação às Entidades. De acordo com a ocorrência do presente estudo, os representantes das entidades participantes permitiram o registro da imagem fotográfica (Figura 1), de modo a demonstrar posterior divulgação.

**Figura 1:** Reunião com representantes das entidades que compõem a AAVRP.



**Fonte:** Autores, 2019.

Posteriormente foram elaborados e enviados questionários semiestruturado por e-mail a cada representante, com o intuito de indicarem agricultores/as familiares que atuam na promoção e resguardo de sementes crioulas, bem como a forma que apoiam sua construção e organização via redes e ação de extensão na conservação das sementes crioulas.

Por derradeiro, os questionários preenchidos pelas entidades foram recebidos por e-mail e, assim, realizada análise das respostas obtidas, sendo levantados 35 (trinta e cinco) agricultores guardiões e guardiãs envolvidos na produção, troca e comercialização de sementes crioulas e a ações e movimentos de Entidades participantes da AAVRP.

## FASE ENVOLVENDO OS/AS GUARDIÕES/ÃS

Elaboração de questionário semiestruturado com o intuito de entender a dimensão do que envolve “ser guardião ou guardiã de sementes crioulas” e do que representa conservar parte da biodiversidade brasileira. Posterior envio de questionário semiestruturado via redes sociais aos agricultores guardiões e guardiãs mais jovens, e aplicação de forma direta aos mais idosos durante a participação no evento XVIII Dia da Troca das Sementes Crioulas de Ibarama/RS (Figura 2), onde havia presença significativa de guardiões de sementes, pela técnica de observação direta



participativa, que segundo Marconi e Lakatos (2003, p. 190): “obriga o investigador a um contato mais direto com a realidade”, permitindo uma relação direta com os agricultores guardiões e guardiãs, na tentativa de compreender o universo sociocultural analisado.

**Figura 2:** Banca de Sementes Crioulas e variedades de milho crioulo, XVIII Dia da Troca das Sementes Crioulas de Ibarama, RS.



**Fonte:** Autores, 2019.

Contudo, os resultados foram obtidos a partir da fala de 15 dos entrevistados, entretanto os nomes dos agricultores guardiões foram resguardados, sendo utilizadas apenas as iniciais de cada nome para incluir as falas no texto, de forma a garantir a privacidade dos entrevistados. E, por fim, foi realizada fundamentação teórica ao narrado nessa pesquisa, a partir do procedimento de pesquisa bibliográfica (GIL, 1994).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

De forma a demonstrar os resultados e possibilitar a sistematização das discussões, foram subdivididos quanto as Entidades e aos Agricultores Guardiões e Guardiãs.

### ENTIDADES

A AAVRP foi fundada no final de 2013, com o intuito de reunir entidades na região que trabalhavam com a Agricultura Familiar Camponesa, na promoção da produção orgânica e da Agroecologia, buscando construir uma agenda conjunta e a organização de ações/atividades que fortalecessem a Agroecologia na região. Atualmente, são 21 entidades/organizações fazendo parte da AAVRP (Figura 3), divididas entre escolas, universidades, sítios, sindicato, associações de agricultores/as e órgãos públicos.

O grupo da AAVRP reúne-se uma vez por mês, alternando local, tendo promovido nos seus cinco anos de existência, quatro Seminários

**Figura 3:** Logomarca da AAVRP e respectivas entidades que a compõe.



**Fonte:** Autores, 2019.

Regionais de Agroecologia - SERA, trazendo diversos temas ao debate, bem como realizando oficinas práticas de socialização de técnicas e tecnologias de produção orgânica e agroecológica. Um evento afirmado regionalmente que dá dimensão concreta das ações e envolvimento das entidades que formam a AAVRP. Destacam-se outras atividades como encontros regionais de sementes crioulas (Figura 4) e debates sobre temas específicos durante o ano, os quais foram decisivos para a criação do Bacharelado em Agroecologia UERGS/AGEFA e um curso de Especialização em Agroecologia e Produção Orgânica.

**Figura 4:** Evento de Sementes Crioulas na EFASC (2019).



**Fonte:** Autores, 2019.

Das 21 entidades componentes da AAVRP, doze responderam ao questionário, sendo CAPA (Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia), EFASC (Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul), EFASOL (Escola Família Agrícola de Vale do Sol), Balcão de Licenciamento Ambiental Unificado de Santa Cruz do Sul (vinculado a SEMA), MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), STR Santa Cruz (Sindicato dos Trabalhadores e Agricultores Familiares), EMATER/RS (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), ABHP SUL (Associação Brasileira de Homeopatia Popular Comunitária –

Núcleo Sul), CPT (Comissão Pastoral da Terra), Sítio Sucuruá, APL VRP – Arranjo Produtivo Local de Agroindústria e Alimentos da Agricultura Familiar do Vale do Rio Pardo e APAS – Associação de Produtores de Alimentos de Sinimbu.

Nesse viés, duas entidades apontaram que não atuam diretamente junto aos agricultores familiares que resguardam sementes crioulas: Balcão de Licenciamento Ambiental Unificado de Santa Cruz do Sul (vinculado a SEMA), apresentando a justificativa de que “não desenvolvemos atividades diretamente com sementes crioulas, mas com sistemas agroflorestais que podem tê-las em cultivo”, e ABHP SUL (Associação Brasileira de Homeopatia Popular Comunitária – Núcleo Sul), de que informaram que promovem “o uso de homeopáticos e fitoterápicos na produção, desenvolvimento e armazenagem de grãos e sementes, bem como combate às pragas”.

Ademais, as outras entidades apontaram o total de 35 agricultores familiares aos quais dão assistência e realizam atividades relativas às sementes crioulas no território em questão. Com formas diversas de atuação, todas as entidades informaram atuar junto à agricultura familiar da região e, de forma mais específica, informaram promoverem e incentivarem a participação de Agricultores Familiares em cursos de formação, encontro de agricultores, seminários e dias de campo relativos às sementes crioulas.

Constatou-se que a AAVRP atua como rede de entidades, busca contribuir para a promoção e fomento da produção orgânica e da Agroecologia na região, promover a unidade e a partilha de agendas comuns, bem como organizar eventos regionais. De forma sistematizada, até o momento, não havia um levantamento de forma específica sobre as ações em prol das sementes crioulas junto às entidades componentes da AAVRP. Nesse viés, a investigação social servirá como forma de valorizar e ampliar a construção de uma agenda conjunta e a organização de ações/atividades que fortaleçam a conservação da agrobiodiversidade e a Agroecologia na região.

## AGRICULTORES GUARDIÕES E GUARDIÃS

A partir das respostas obtidas de quinze agricultores guardiões, foram indicadas 98 (noventa e oito) variedades de sementes crioulas. Dessas, de forma mais significativa, 24% são de

variedades de feijão, 17% de milho (Tabela 1), 4% de amendoim e 3% de melancia. Interessante apontar que um dos agricultores guardiões, realiza artesanato com porongo e relatou sobre a importância da semente crioula para o seu trabalho.

**Tabela 1:** Variedades de sementes crioulas de feijão e milhos mencionadas pelos agricultores guardiões de sementes.

Variedades	
Feijão	feijão comunista, feijão sopinha, feijão 60 dias, feijão amendoim, feijão candelária, feijão carioca, feijão cavalo, feijão cavalo marrom, feijão cavalo vermelho, feijão chumbinho, feijão de pôr, feijão de vagem, feijão guapo brilhante, feijão magico, feijão mamona, feijão mouro, feijão olho de pombo, feijão preto 60 dias, feijão preto miúdo (santo expedito), feijão trepador, feijão vermelho, feijão vermelhão, feijão vermelho 60 dias
Milho	milho amarelão, milho brancão, milho cabo roxo, milho caiano amarelo, milho cateto pintado, milho cule, milho cunha, milho dente olho roxo, milho oito carreira, milho cinquentinha, milho ferro, milho palha roxa, milho pipoca colorido, milho pipoca roxo, milho pururuca, milho roxo, milho sabuginho

Fonte: Autores, 2019.

As sementes crioulas ou variedades locais constituem um material genético altamente adaptado aos locais onde são mantidas, sendo assim consideradas essenciais para a autonomia e desenvolvimento sustentável da agricultura camponesa e para a soberania alimentar, pois incluem as principais espécies da alimentação humana (STELLA; KAGEYAMA; NODARI, 2004).

Entender a relação afetiva dos guardiões com as sementes crioulas é de grande importância pelo fato da semente ser símbolo de liberdade e autonomia alimentar para os agricultores (FRANÇA, 2014), pois “guardar e reproduzir uma semente crioula está na materialidade da lógica de reprodução social da família agricultora camponesa, garantida pelo trabalho que se realiza na unidade de consumo e unidade de produção” (OLANDA, 2015, p.60).

Ademais, confirmando que os conhecimentos tradicionais associados às sementes crioulas são passados de geração em geração, de forma a difundir o saber culturalmente aprendido e transmitido, dos jovens agricultores guardiões entrevistados, todos apontaram que receberam de parentes, principalmente dos avós, alguma variedade crioula, sendo que três deles apontaram ter recebido 100% das variedades dos avós e que as sementes são conservadas há gerações pela família. Já entre os agricultores guardiões mais idosos, seis apontaram a preocupação relativa à sucessão do resguardo das variedades crioulas, em decorrência

da não permanência dos filhos na área rural após atingirem a idade adulta.

E, nesse sentido, de forma marcante, o agricultor guardião M. demonstrou que carrega suas sementes como parte de sua história, pois atrelou sua trajetória de resguardo das variedades crioulas com datas significativas, como o falecimento de um dos guardiões da comunidade que resguardava o milho da variedade cunha e, então, tornou-se o guardião daquela variedade na comunidade. Como também, a compra da variedade do milho cateto pintado quando a neta fez oito anos, dentre outros acontecimentos que o levaram a responder que “as sementes crioulas pra mim significam tudo, significam a família”. Porém, de forma preocupada, após dizer que os filhos não moram mais na comunidade, terminou a fala indagando: “e se eu morrer, quem vai continuar no meu lugar?”.

Nessa perspectiva, de acordo com Matte e Machado (2016, p.130):

A ausência de sucessores na agricultura familiar tende a gerar incertezas não apenas no que confere a continuidade das famílias e das atividades produtivas, mas também sobre as comunidades rurais, as quais gradativamente perdem sua população e passam a sentir os reflexos dessa mudança sobre suas dinâmicas sociais.

Entretanto, como aponta Cordeiro (2004, p. 20), “com criatividade e resistência, tem mostrado que um outro mundo é possível, que uma outra agricultura é possível”, fundamental ressaltar a importância das Escolas Famílias Agrícolas na valorização e promoção e resgate do conhecimento relativo as sementes crioulas entre a juventude do campo, traduzido resposta da jovem guardiã B. quando respondeu o que significava sementes crioulas para ela: “Sementes crioulas são a garantia da continuação da vida! São a mostra viva de que a natureza é sábia, e que para produzir comida não precisamos da última tecnologia nem de pacotes tecnológicos, mas sim do saber do povo ancestral que carrega suas sementes como parte de sua história. Cada semente conta uma história, que é multiplicada e contada de geração em geração”.

Contrário à lógica de mercado apregoada pelo processo de modernização da agricultura implantada pela revolução verde, que desconsidera os conhecimentos tradicionais dos agricultores frente aos métodos tecnológicos industriais, o

agricultor guardião L. relatou, expressando um sorriso de orgulho: “minha filha trouxe do Peru esse milho e foi um presente, pois eu consegui plantar e agora está aí” (Figura 5), contando que, através de tentativas e aprimoramentos quanto à forma e o local de cultivar, conseguiu reproduzir a variedade. Ademais, o mesmo guardião relatou que acha importante conservar as sementes crioulas para “não perder o que os antepassados cultivavam de bom” e por causa “do sabor, da alimentação tanto para humano quanto para animal”.

**Figura 5:** Guardiã mostrando a variedade crioula de milho que conserva.



Fonte: Autores, 2019.

E, de acordo com Pinheiro et al. (2018, p.4), “no ato de preparar e cozinhar os alimentos, o mesmo é transformado em cultura, assim as famílias guardiãs, são importantíssimas no processo de manutenção de manifestações culturais expressas na forma de alimento, ao prepararem comidas típicas locais”.

Como aponta Carvalho (2003, p.2009):

O uso continuado da semente nativa ou crioula é a maneira social e ambientalmente mais contundente de resistência contra a exclusão social. É a forma mais direta de rejeição (negação) do modelo tecnológico imposto pelas empresas multinacionais oligopolistas de sementes híbridas e transgênicas.

Ainda quanto ao sabor, o agricultor guardião N. afirma que “até os porcos preferem milho crioulo”. E, de forma complementar, a agricultora guardiã R. destacou a diferença do sabor decorrente da comida preparada com produtos derivados das sementes crioulas, expresso na sua fala de que “a polenta da minha farinha de milho crioulo fica muito mais gostosa do que a feita com a outra” e, em seguida, complementa orgulhosa que



“chega no meio da tarde [no dia da Feira de Sementes Crioulas] e já vendi todas [farinha de milho]”, coadunando com o disposto por Bevilaqua et al. (2014, p. 100), de que “as cultivares crioulas possuem características agrônômicas e nutricionais diferenciadas, o que permite a produção de sementes com características destacadas e agregação de valor ao produto”.

E, nesse sentido, de acordo com Feldmann (2005, p.147):

é preciso um olhar crítico sobre as questões relacionadas à produção e ao consumo, ao desenvolvimento econômico e social e aos aspectos de sustentabilidade, frente a degradação e dilapidação acelerada dos recursos naturais do planeta e a agravamento do problema dos resíduos sólidos, bem como dos problemas sociais decorrentes.

De acordo com as respostas apresentadas, todos os agricultores guardiões apontaram que utilizam as sementes crioulas como estratégia de consumo para alimentação e comercializam os produtos cultivados. E, além disso, interessante destacar o trabalho artesanal (Figura 6) realizado pelo agricultor guardião H. com a utilização de porongo, apontado como “uma forma de complementar a renda e faz bem para distrair”. O que também foi dito pela agricultora guardiã R. que demonstrou orgulho ao contar que os chapéus que faz com a palha de milho são muito requisitados e “tem sempre alguém encomendando e já foi até para outros países”.

Figura 6: Artesanatos com sementes e palha de milho crioulo.



Fonte: Autores, 2019.

Nesse sentido, Pinheiro et al. (2019, p.1) supõem que:

o uso das sementes crioulas influencia nas relações coevolutivas que esses agricultores

tecem com seus agroecossistemas, ou seja, é um processo de evolução dos seres humanos e de seus agroecossistemas no mais ampliado pensar, solos, recursos genéticos, agrobiodiversidade.

Contudo, de forma gratificante e fundamental, os momentos de conversa informal com os agricultores guardiões possibilitaram a compreensão de que as sementes crioulas têm significados e valores muito mais amplos do que estudos acadêmicos poderiam tentar expressar, constatando assim, segundo Freire (1992, p.98), que "quanto mais os homens assumem uma postura ativa na investigação de sua temática, tanto mais aprofundam a sua tomada de consciência em torno da realidade e, explicitando sua temática significativa, se apropriam dela”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As sementes crioulas representam de forma simbólica o modo de vida dos agricultores guardiões e guardiãs, pois conservá-las representa mais do que a produção agrícola propriamente dita, mas expressam as relações produtivas, ambientais e socioculturais que permeiam as histórias de vida de quem as preserva. E a quebra de paradigmas sociais perpassa pela desconstrução antropocêntrica do conhecimento fornecido pela ciência que colocou o ser humano à deriva da diversidade da vida que evoluiu neste planeta.

Assim, diante da urgência dos impactos causados pelo modo de produção agrícola predominante atual, surge a necessidade de ressignificar a existência humana, através de um novo modelo que retire o ser humano da alienação do consumo e o integre a natureza de forma a assumir sua responsabilidade atrelada à realidade dos agricultores e a ações, movimentos e políticas públicas que possibilitem a concretude da sustentabilidade. Nesse sentido, o agrupar pessoas que militam em causas comuns, e neste caso a agroecologia, acaba por induzir trabalhos conjuntos e coletivos que fortalecem os projetos de conservação da biodiversidade, ampliando a consciência ecológica de que é possível sim, a quebra de paradigmas e o fortalecimento da Agroecologia na região.

Ademais, na perspectiva de troca de saberes, além dos ganhos individuais de todos envolvidos no processo, a inovação decorrente do trabalho desenvolvido possibilitará que novos estudos sejam realizados, além de futuras demandas e ações conjuntas sejam realizadas pela

AAVRP em prol da conservação das sementes crioulas. Contudo, o presente estudo permitirá que futuras demandas e ações conjuntas em prol da conservação das sementes crioulas sejam realizadas no Vale do Rio Pardo, através de Feiras de Troca de Sementes Crioulas, Banco de Sementes Crioulas e Associações de Guardiões/ãs de Sementes Crioulas, articulações que representam construções fundamentais à conservação da agrobiodiversidade local.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEVILAQUA, Gilberto Antônio Peripolli et al. **Agricultores guardiões de sementes e ampliação da agrobiodiversidade**. Embrapa Clima Temperado-Artigo em periódico indexado (ALICE), 2014.

CARVALHO, Horácio Martins de. **Sementes: patrimônio do povo a serviço da humanidade**. São Paulo: Expressão Popular, p. 352, 2003.

CORDEIRO, Ângela. **A Viagem das Sementes: Sementes Patrimônio dos Povos a Serviço da Humanidade**. Coletivo Nacional das Campanhas Sementes da ANCA - Associação Nacional de Cooperação Agrícola, Cadernos de Saúde e Meio Ambiente, 2004.

FELDMANN, Fabio. **A parte que nos cabe: consumo sustentável**. Meio ambiente no século, v. 21, n. 5, 2003.

FRANÇA, Clayton Rodrigues; GARCIA, Loreley. **Sementes livres—ações pela soberania da natureza**. REDD—Revista Espaço de Diálogo e Desconexão, v. 8, n. 2, 2014.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio De Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. Editorial Alliance, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE-revista de administração de empresas**, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-cruz-do-sul> > Acesso em: 12 de Agosto de 2020.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTE, Alessandra; MACHADO, João Armando Dessimon. Tomada de decisão e a sucessão na agricultura familiar no sul do Brasil. **Revista de Estudos Sociais**, v. 18, n. 37, p. 130-151, 2016.

NARANJO, Rufino Acosta; DIEGO, José Díaz. **E em suas mãos a vida. Os cultivadores das variedades locais de Tentudía**. 2008.

NODARI, Rubens Onofre; GUERRA, Miguel Pedro. A agroecologia: estratégias de pesquisa e valores. **Estudos avançados**, v. 29, n. 83, p. 183-207, 2015.

OLANDA, Rosemeri Berguenmaier de. **Famílias guardiãs de sementes crioulas: a tradição contribuindo para a agrobiodiversidade**. 157 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

PINHEIRO, Regis de Araujo et al. **O ato de guardar as sementes e a agricultura sustentável**. Cadernos de Agroecologia, v. 13, n. 1, 2018. Santilli, J. **Agrobiodiversidade e Direitos dos Agricultores**. São Paulo: Petrópolis, 2009. 519p.

DOS SANTOS, Ailton Dias. **Metodologias participativas: caminhos para o fortalecimento de espaços públicos socioambientais**. Editora Peirópolis, 2005.

SHIVA, Vandana. **Biopirataria: a pilhagem da natureza e do conhecimento**. Vozes, 2001.

STELLA, André; KAGEYAMA, Paulo; NODARI, Rubens. **Políticas públicas para a agrobiodiversidade. Agrobiodiversidade e diversidade cultural**. Brasília: MMA, p. 41-56, 2006.